

“É ROBIGUS QUE VEM, GIRA E BALANÇA”*

*Milena Rabelo*¹

Resumo: O seguinte ensaio visual coloca em cena a prática contemporânea da Robigália – antigo festival agrícola romano, como é celebrada no santuário politeísta da Vila Pagã, localizado na zona rural de José de Freitas (PI). A festividade, incorporada ao calendário litúrgico do Paganismo Piaga, acontece no mês de abril e evidencia o aspecto agrário da estação chuvosa e de temperaturas altas no Piauí: o plantio cultivado é o meio sacralizado tanto pelas bênçãos do deus Robigus, que atua na proteção dos campos e lavouras, como pelo aspecto destrutivo da divindade – o qual pode colocar em risco toda a plantação pela ação de pragas, ferrugem e bolor. A oferta de guirlandas e alimentos feitos de milho, consumidos durante a celebração, constitui oferendas que ativam seu aspecto benéfico, e a queima do espantalho, ápice do ritual festivo, é a queima da face maléfica do deus honrado. Nesse sentido, as fotografias apresentadas aqui sugerem uma perspectiva imagética da mobilidade dessa divindade na prática local de uma religião integrada à rede transnacional do Paganismo Contemporâneo. Além disso, acompanham a produção de novos lugares sagrados para antigas religiões e seus diferentes efeitos de sentido, indicando modos de visualizar o protagonismo do lugar onde a religião é materializada, uma vez que “É Robigus que vem” de uma origem romana, mas que é (re)situado na prática do Piaganismo no Piauí.

Palavras-Chave: Paganismo Contemporâneo; Estudos Pagãos; Transnacionalização Religiosa; Antropologia Visual.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGAS/UFSC). E-mail: milenarrabelo@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2929-8811>.

* Como citar: RABELO, Milena. "É Robigus que vem, gira e balança". *Debates do NER*, Porto Alegre, ano 23, n. 43, p. 333-351, 2023.

“IT IS ROBIGUS WHO COMES, SWINGS AND TURNS”

Abstract: The present visual essay puts into play the contemporary celebration of the “Robigália” - an ancient agricultural Roman festival, and the way it is celebrated in Vila Pagã’s polytheistic shrine, located in the countryside of the José de Freitas (PI) municipality. The festivity, contained within the Piaga paganism’s liturgical calendar, happens during April and emphasizes the agrarian quality of the rainy and hot season in Piauí’s during which the cultivated crops become a medium at the same time sacralized by the god Robigus’ blessings - which protects the fields and tillages, and threatened by the deity’s malign aspect - which can jeopardize the crops, bringing forth plagues, rust and mold. The offering of garlands and corn-based dishes, which are consumed during the celebration, are the gifts that activate Robigus’ benevolent aspect, and the burning of its scarecrow - the ritual’s apex, is the very immolation of the honored deity’s malign aspect. In that regard, the pictures presented here suggest an imagetic perspective of this deity’s mobility through the local practices of a religion integrated into the transnational Contemporary Paganism network. Furthermore, those images follow the creation of new sacred places for ancient religions and their various effects of meaning, indicating ways of viewing the protagonism of the place in which the religion is materialized, since “it is Robigus who comes” form a Roman origin but is (re)located in the Piaganismo practices in Piauí.

Keywords: Contemporary Paganism; Pagan Studies; Religious Transnationalization; Visual Anthropology.

Em abril de 2019, mais especificamente no fim de semana dos dias 20 e 21 desse mês, cheguei pela primeira vez à Vila Pagã – santuário e comunidade religiosa politeísta construída na comunidade rural Morada Nova em José de Freitas (PI), e que abrange uma área de mais de noventa mil metros quadrados em meio a Mata de Cocais piauiense – na ocasião da Robigália. A festividade iria ocorrer no domingo de manhã, mas os preparativos para o ritual de celebração em honra ao deus Robigus iniciaram-se já no sábado. Cheguei à comunidade por volta das 11 horas da manhã e ali conheci alguns

membros do Círculo Piaga², que vieram a se tornar meus interlocutores de pesquisa. Lembro que uma das impressões que tive foi sobre como seria a prática de um culto pagão romano ali, no lugar que materializa o Paganismo Piaga – movimento de reavivamento de antigos cultos pagãos politeístas no Piauí. Ao longo desses quatro anos de trabalho junto aos membros do Círculo na Vila Pagã, pude perceber a rede mais ampla em que a mobilidade do culto a Robigus está situada e as diferentes produções de sentidos dadas a ela pelo Piaganismo.

A Robigália é um antigo festival agrícola de culto a Robigus – divindade dos campos e lavouras, da praga e da ferrugem, que tanto pode atuar como protetor do cultivo quanto como propagador de destruição. A sua prática contemporânea por grupos politeístas que revisitam os paganismos históricos europeus e recriam cultos modernos ao redor dos deuses e deusas antigos carrega esse mesmo sentido, mas produz novas formas de ritualizá-lo. A festividade faz parte do calendário litúrgico da Vila Pagã³ devido, sobretudo, à relação do Sacerdote Rafael com o paganismo romano. Ainda na adolescência, como praticante da *Stregheria* – bruxaria italiana, – Rafael entrou em contato com o panteão de divindades romanas e com as práticas religiosas ao redor delas, o que fez com que o jovem bruxo se tornasse condutor dessa linha durante os rituais que, antes da construção da Vila Pagã em 2014, aconteciam nos parques da cidade de Teresina.

² Grupo de iniciados ou em fase de consagração ao Paganismo Piaga ou Piaganismo. Atualmente o grupo é formado por 14 pagãos que residem na comunidade Morada Nova, na capital Teresina, no litoral de Parnaíba, e em outros estados do país.

³ A Robigália, assim como a Neptunália e a Agonália, são festividades de origem romana celebradas nos meses de abril, julho e janeiro, respectivamente. Essas, celebrações “de fora” da Roda do Ano Piaga, são conduzidas por Rafael, sacerdote, bruxo, condutor da Linha Romana e um dos principais articuladores do Paganismo Contemporâneo no Brasil. Para mais informações acerca desse calendário litúrgico e da formação e construção da Vila Pagã, ver a monografia intitulada “A Roda do Ano Piaga – paisagem e cosmologia na Vila Pagã (PI)” (Rabelo, 2021), onde abordei os aspectos sociocosmológicos da Roda na constituição da comunidade politeísta no Piauí.

A relação espiritual com as divindades fez o sacerdote entrar em contato com outros grupos que praticavam o paganismo romano na capital italiana. A partir dos blogs e redes sociais desses grupos, Rafael começou a desenvolver vínculos mais estreitos com a *Communitas Populi Romana* (CPR), a Nova Roma e a *Associazione Tradizionale Pietas* – grupos politeístas que têm em comum o ideal de restauração da Roma Antiga a partir da construção de templos e santuários que tornem pública a devoção aos antigos “Deuses da Cidade”⁴. A intensidade dessa relação é tão profunda que em 2022 Rafael recebeu da CPR o Prêmio de “Governador Brasileiro” por uma conquista da Nova Roma, devido a seu trabalho de desenvolvimento do paganismo romano no Brasil e suas parcerias internacionais com as comunidades politeístas de Roma. Em entrevista realizada durante a Robigália de 2023 (Nolêto, 2023), Rafael me contou que esses grupos intencionam reaver “valores” sociais, culturais, políticos e religiosos, mas que ele conduz somente o aspecto da religião, devido ao seu vínculo com o culto às divindades desse panteão.

Assim, a mobilidade da festividade – e do próprio deus da Robigália – nos conduz a prestar atenção aos fluxos, movimentos, dinâmicas e deslocamentos de práticas, ideias e objetos (Oro, Steil e Rickli, 2012). Desse modo, o Paganismo Contemporâneo age como uma rede transnacional de circulação de sujeitos, deuses e cultos que reavivam antigas religiões em novos lugares, mas que é situado por variadas, e por vezes contrárias, formas de experimentação da religião (De La Torre, Gutiérrez e Dansac, 2021). A constituição de redes é uma constante no processo de transnacionalização religiosa, e as que são apoiadas ao redor de pessoas – como parece ser o caso de Rafael com os grupos pagãos romanos, indicam que o sacerdote opera tanto como condutor das relações espirituais com divindades “estrangeiras” na prática religiosa quanto como articulador das relações sociais com os atores que (re)constroem o movimento pagão contemporâneo desde Roma até o interior do Piauí.

⁴ Como a deusa Minerva e os deuses Júpiter e Marte.

O referido movimento, além de amplamente praticado – estimando uma população entre 200 mil e 1 milhão de pagãos só nos Estados Unidos (Bezerra, 2019), e de ampla repercussão desde a Anglo Saxônia, Europa e América Latina – ganhou força na academia durante os anos 1990, constituindo um campo próprio de pesquisas: o *Pagan Studies*, ou Estudos Pagãos. Configurando discussões sobre modos de fazer, participar e descrever tradições e cosmologias pagãs, o *Pagan Studies* teve sua formação iniciada por pesquisadores norte-americanos e europeus cujas suas pesquisas estão reunidas e referenciadas desde 1997 no *The Pomegranate*: periódico e fórum internacional de publicação de estudos referentes ao (neo)paganismo, e que hoje estabelece o maior acervo *online* de divulgação das produções acadêmicas acerca do fenômeno. No Brasil, os Estudos Pagãos começaram a ganhar forma no início dos anos 2000 junto a pesquisadores que vêm conduzindo variadas análises em diversos contextos de criações (neo)pagãs, inclusive sugerindo indiretamente a transnacionalização de tradições vivenciadas no país, como a *Wicca* e o *Ásatrú* nos respectivos estudos de Daniela Cordovil (2020) a partir de Belém-PA e de Lisboa-PT, e de Susan Tsugami (2019) com o Paganismo Nórdico em grupos *Heathen* e *Forn Sidr* no Brasil, ou mesmo o caso do Dia do Orgulho Pagão ou *PaganPride Project* nas publicações de Karina Bezerra (2018)⁵.

Assim, a seguinte escrita está delineada ao redor desse quadro mais amplo de produções dos Estudos Pagãos, apontando que as variadas formas de experimentação da religião indicam os diferentes efeitos de sentido em que o (neo)paganismo se (re)territorializa (De La Torre; Gutiérrez; Dansac, 2021), como é o caso da Robigália, uma vez que “É Robigus que vem” desde Roma, mas que “gira e balança” no Piauí. A frase que intitula essa escrita é um verso da canção “Protetor do Milharal”⁶ que diz que:

⁵ Devido a breve ocasião de escrita deste Ensaio Visual, muitas referências brasileiras dos Estudos Pagãos não estão expostas, mas podem ser lidas a partir de Rabelo (2021).

⁶ Cantiga que compõe as “Canções da Robigália”, álbum de autoria do sacerdote Rafael que escreveu variadas músicas ressaltando as características do deus romano e de como

“É Robigus que vem, gira e balança (...)
No campo, o milharal, ele protege (...)
É Robigus que vem e afasta a praga (...)
Ele vem com sua foice amolada
Com seu ramo de trigo na testa
A lavoura deixa avermelhada
Se chegar com a cara zangada” (Nolêto, 2022).

A letra da música indica os jeitos, gestos e ferramentas do deus: a cara zangada, seu aspecto destrutivo, pode deixar a lavoura avermelhada; mas se chega para ajudar, afasta a praga e protege o milharal. Uma das ações rituais que faz com que o deus atue beneficentemente é a produção de um espantalho, que materializa o aspecto protetor de Robigus, uma vez que espanta as pragas da plantação, mas que quando queimado durante a festividade, tem seu aspecto maléfico destruído. Além disso, é interessante perceber que a música traz o trigo como o cereal que vem no seu corpo, mas que no Piauí, ele protege o milharal.

Essa sutil diferença evidencia o aspecto primordial do deus como protetor dos plantios, mas que, dependendo do lugar em que é cultuado, sua ação é movimentada entre o trigo ou o milho: aquele é o cereal primordial dos alimentos-oferendas característicos de Robigus em Roma, mas no Piauí o cereal é o milho, grão produzido e consumido em grande escala no estado, que não produz trigo. Essa diferença é presente, inclusive, nos alimentos-oferenda produzidos e consumidos durante a festividade: na Vila Pagã, o Banquete dos Deuses – alimentos preparados para compor a mesa central do Templo Piaga, sendo alguns consumidos por humanos no momento de confraternização após o término de uma festividade, e outros agindo como oferendas transportadas do Templo à mata durante ou após a celebração – da Robigália é preparado com alimentos que têm o milho como material principal.

ele age durante a Robigália. Disponível em: <https://www.palcomp3.com.br/circulopiaga/discografia/cancoes-da-robigalia/>. Acesso em: 12/11/2023.

Isso posto, as diferenças de sentido com que o Paganismo Piaga (re) situa o culto ao deus Robigus passam pelos aspectos ressaltados pelo próprio lugar em que é praticado, salientando um processo de (re)imaginação e (re) criação de uma liturgia ritual de uma prática mais ampla integrada a uma rede transnacional, mas que é conduzida de maneiras específicas pelos atores que a articulam localmente. Nesse movimento de condução de pesquisas junto ao Círculo Piaga na Vila Pagã, venho pensando a atuação das fotografias numa escrita imagética que reflete sobre os tipos de experiências possíveis quando as imagens fazem uma religião. Assumindo-as como formas de apresentação e representação do eu e do “outro” na escrita e como informadoras de um devir imagético⁷ (Gonçalves e Head, 2009), a produção de sentidos pela visualidade constitui um imaginário associado ao que está na foto, que pode ser acionado pelo efeito de realidade da presença ou pelo efeito de ficção (Rechenberg, 2014) sugerido do que aparece ou do que é deixado de fora, do que é ressaltado, deixado explícito ou sutilmente sugerido.

Experimentar a fotografia como expressividade das práticas que investigamos enquanto narrativas e métodos de etnografia (Devos e Vedana, 2021), encaminha a antropologia para uma nova percepção da alteridade que descrevemos, ressaltando o caráter situado da produção da fotografia onde o que é registrado passa por escolhas de como são apresentadas, organizadas e dispostas ao longo do corpo da escrita, o que é o caso das fotografias montadas abaixo, realizadas com uma câmera digital *Sony Cybershot DCS-W530* enquanto participava da festividade. Acompanhando a Robigália durante os dias 22 e 23 de abril de 2023, proponho que a visualidade do deus que chega, gira e balança as relações locais forma uma perspectiva imagética da mobilidade dessa divindade na prática local da religião, o que nos leva a

⁷ A possibilidade de pensar a alteridade que salienta a relação que envolve o “eu” e o “outro” é uma relação de aproximação e transformação mútuas, onde quem apresenta representa, e quem representa apresenta, num paradoxo que assume potência e eloquência criativa máximas no plano imagético. Assim, o “devir-imagético” é a possibilidade de emergência de um personagem, que se apresenta e representa a partir de uma relação (Gonçalves e Head, 2009).

perceber as imagens enquanto mediadoras em processos de co-constituição de agentes engajados em práticas como as descritas brevemente aqui.

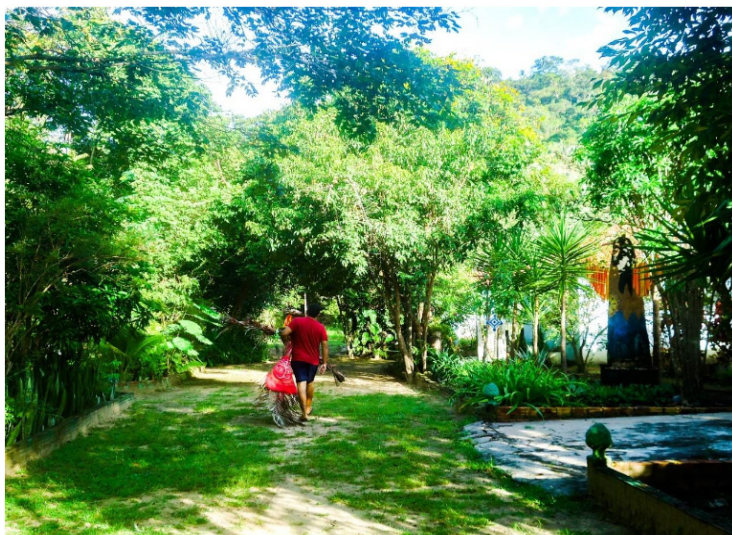
Fotografia 1 - No sábado à tarde, o sacerdote Rafael inicia a feitura do espantalho de Robigus. As palhas colhidas na mata do terreno da Vila e amarradas com fios de lã, vão dando forma material ao deus da festividade



Fotografia 2 - Após a amarração, o sacerdote pintou o sigilo mágico de ativação da energia do deus na camiseta que iria vestir o espantalho



Fotografia 3 - Na manhã do domingo, por volta das 8 horas, levamos o espantalho para a Via Robigus, lugar onde iríamos acender a fogueira do ritual



Fotografia 4 - A Via Robigus é a “rua” do terreno da Vila Pagã onde o sacrário do deus romano está localizado



Fotografia 5 - Sacrário do deus Robigus



Fotografia 6 - Depois de suspendermos o espantalho e a guirlanda nas estruturas montadas por Rafael no sábado à tarde, a Via ficou pronta para o início da Robigália



Fotografia 7 - O ritual foi iniciado no Templo Piaga, mas logo foi conduzido para a Via Robigus, lugar onde as honras de danças, músicas e oferendas acontecem ao redor do espantalho



Fotografia 8 - A sacerdotisa Hera acende incensos e velas amarelas no eixo que sustenta a fogueira, a fim de ativar a energia benéfica de Robigus



Fotografia 9 - Após o fogo ser ativado no corpo do espantalho, os membros do Círculo Piaga e os visitantes que foram à Vila Pagã nesse domingo, dançam e cantam ao redor da fogueira. “Robigus vem, gira e balança” é um dos versos que conduzem o momento festivo do ritual. As ferramentas dispostas no chão são os meios materiais que tornam tangíveis os instrumentos usados pelos atores humanos no plantio e pelo deus na sua ação de proteção ao que foi cultivado



Fotografia 10 - O espantalho de Robigus é tomado pelo fogo



Fotografia 11 - O ritual se encerra quando o corpo do espantalho se desfaz em cinzas



Fotografia 12 - Após o encerramento do ritual na Via Robigus, voltamos ao Templo Piaga para a confraternização ao redor do Banquete dos Deuses, com bolos, mingaus e canjicas de milho. Os alimentos que ativam o aspecto benéfico do deus foram consumidos pelas pessoas que participaram da Robigália, que levaram consigo a energia trabalhada na festividade



REFERÊNCIAS

- BEZERRA, Karina Oliveira. Dia do Orgulho Pagão no Brasil: obstáculos, frutos e diálogo. *Religare*, v.15, n.2, p. 652-669, 2018.
- BEZERRA, Karina Oliveira. *Paganismo contemporâneo no Brasil: a magia da realidade*. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Universidade Católica de Pernambuco, 2019.
- CORDOVIL, Daniela. Paganismos, religião e atuação pública: uma comparação de discursos e práticas neopagãs no Brasil e em Portugal. *Religião & Sociedade*, v. 40, n. 1, 2020.
- DE LA TORRE, Renee; GUTIÉRREZ, Cristina; DANSAC, Yael. Efectos culturales de la creatividad ritual del neopaganismo. *Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião*, Campinas, v. 23, p. 1-21, 2021.
- DEVOS, Rafael; VEDANA, Viviane. Movimento, câmera, percepção: não necessariamente o filme etnográfico sensorial. In: DOMÍNGUEZ, María Eugenia; MONTARDO, Deise Lucy Oliveira (org). *Arte, som e etnografia*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2021.
- GONÇALVES, Marco Antonio (org). *Devires imagéticos: a etnografia, o outro e suas imagens*. Rio de Janeiro: Letras, 2009.
- NOLÊTO, João Rafael Almeida. *Entrevista concedida à Milena Rabelo em 22 de abril de 2023*.
- ORO, Ari Pedro; STEIL, Carlos Alberto; RICKLI, João (org). *Transnacionalização religiosa: fluxos e redes*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2012.
- NOLÊTO, João Rafael Almeida (intérprete e compositor). "Protetor do Milharal." In: *Canções da Robigália*. Teresina, 2022. Faixa 2 (3 min). Disponível em: <https://www.palcomp3.com.br/circulopiaga/discografia/cancoes-da-robigalia/>.
- ORO, Ari Pedro; Steil, Carlos Alberto; Rickli, João (org). *Transnacionalização religiosa: fluxos e redes*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2012.

NOLÊTO, João Rafael Almeida (intérprete e compositor). "Protetor do Milharal." In: *Canções da Robigália*. Teresina, 2022. Faixa 2 (3 min). Disponível em: <https://www.palcomp3.com.br/circulopiaga/discografia/cancoes-da-robigalia/>.

RABELO, Milena dos Reis. *A Roda do Ano Piaga: paisagem e cosmologia na Vila Pagã (PI)*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Piauí, Centro de Ciências Humanas e Letras, Bacharelado em Ciências Sociais. Teresina, 2021.

RECHENBERG, Fernanda. Notas etnográficas sobre o retrato: repensando as práticas de documentação fotográfica em uma experiência de produção compartilhada das imagens. *Cadernos de Arte e Antropologia*. v. 3, n. 2, p. 9-22, 2014.

TSUGAMI, Susan Sanae. *DEUS PARA MIM É ODIN: O Paganismo Nórdico Contemporâneo no Brasil*. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2019.

Recebido em: 20/06/2023

Aprovado em: 23/08/2023